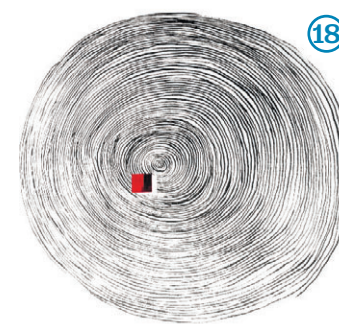


CÍRCULO DE ESTUDOS DO CENTRALISMO

◉ INTERIOR



AS OPINIÕES NÃO VINCULAM O CÍRCULO

ASSOCIADO CONVIDADO



POR
José Alberto Rio Fernandes
Geógrafo, prof. catedrático
na Universidade do Porto

A falta que faz uma política que reconheça a riqueza da diversidade do país que somos!

Aqui, em textos anteriores, foi evidenciado que Portugal é um dos países mais centralizados da Europa. Ficou demonstrado também que existe uma correlação entre desenvolvimento e descentralização. Ou seja, o centralismo – que pode ser medido em percentagem de orçamento e emprego do Estado (a que se soma, regra geral, a concentração de poder económico-financeiro e a emissão e recolha de informação, bem como a origem de quem opina na Comunicação Social) – está associado aos países menos desenvolvidos. Isto pode ocorrer porque os países menos desenvolvidos desvalorizam e desconfiam de quem está longe do centro ou porque o centralismo não favorece o desenvolvimento. Há uma terceira hipótese, que parece menos provável: a correlação entre centralismo e menor desenvolvimento tratar-se de uma mera coincidência.

É sabida a tendência do centralismo tratar por igual o que é diferente. Esta é, para mim, a principal causa da desvalorização dos ditos “territórios em perda”, nisso saindo prejudicado, todavia, o país todo. O centralismo que temos (territorialmente descoordenado) afirma-se no poder do Governo, mas também nas agências, institutos e fundações, com a concessão e privatização de serviços públicos à escala nacional e o esvaziamento das direções regionais, a par do caos geográfico entre áreas de coordenação intermunicipal, áreas de organização setorial do Governo central e os velhos distritos (de grande importância política enquanto círculos de representação eleitoral).

A favor dum país melhor e mais cuidadoso com a nossa diversidade, há uma segunda necessidade: a de abandonar uma apreciação meritocrática que desconsidera o contexto. Sei bem que é moda vermo-nos uns aos outros por princípios que desumanizam, levando-nos a crer que, com força de vontade, capacidade empreendedora e as dicas certas, todos vamos ter sucesso. Mas,

em competição, é impossível todos termos sucesso; a consequência é muitos verem-se (e serem vistos) como culpados ou incapazes, numa avaliação que está a migrar para os territórios, sem que ninguém se importe sequer em avaliar o que é sucesso.

Mas, vejamos, porque se associa mais população a sucesso? A Finlândia, o país mais feliz do Mundo, onde o Índice de Desenvolvimento Humano é dos mais elevados, não tem muitos habitantes e a densidade é até inferior a Trás-os-Montes e Alto Douro. Será então a interioridade o problema? Mas como, se Madrid, Munique e Viena ficam mais longe do mar que Bragança, Alijó ou Miranda do Douro?

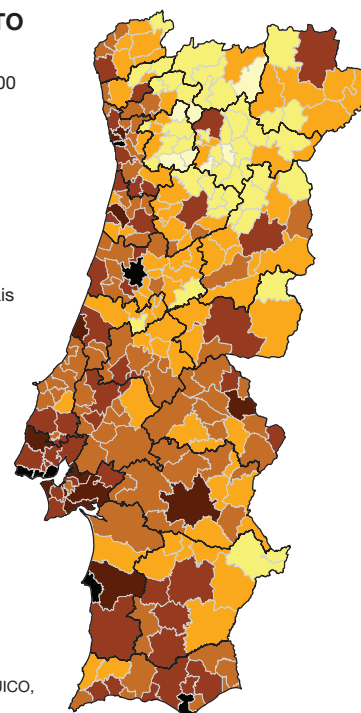
O envelhecimento, sim, pode ser um problema, o que não afeta apenas o território português com menor densidade e mais afastado do mar; o afastamento face a redes de comunicação rápida também não ajuda. Mas, o verdadeiro problema é que sejam sempre prioritários os problemas junto ao centro, como é agora o caso de aeroporto, mais uma travessia no amplo estuário do Tejo e largos quilómetros de metro,

enquanto se prossegue o afastamento do Estado relativamente aos que moram longe de uma grande cidade.

Por fim, apelo ao combate ao centralismo, sem tréguas e em todas as frentes e oportunidades, até porque se sabe que não se cumpre tão cedo a Constituição no que diz respeito à concretização de regiões, o que fica claro ao termos um Governo que se lhe opõe. Por outro lado, certo da vantagem de haver respostas diversas para territórios diferentes (com qualidades, dificuldades e anseios únicos), espero que se incremente a territorialização das políticas de cada ministério e instituição e haja uma maior atenção do Governo – e, no possível, desde as CCDR – aos seus deveres de atenuação das desigualdades de base espacial, com reforço da equidade e promoção da articulação territorial das políticas setoriais.

RENDIMENTO Euros/ano

- Menos de 5000
- 5000-6000
- 6000-7000
- 7000-8000
- 8000-9000
- 9000-10 000
- 10 000 ou mais



FONTE
PORTAL AUTÁRQUICO,
INE e DGT

O centralismo tende a tratar por igual o que é diferente. Esta é a principal causa da desvalorização dos ditos “territórios em perda”, nisso saindo prejudicado, todavia, o país todo.